

A influência do Colonialismo Francês na Doutrina de Segurança Nacional*

The influence of French Colonialism in the National Security Doctrine

Walter LIPPOLD **

Resumo: A cidade de Argel ficou conhecida como Meca dos revolucionários, por ter sido um ecossistema intelectual, onde redes intelectuais circulavam ideias revolucionárias de libertação nacional e antifascismo. Neste artigo, eu analiso um outro fenômeno de circulação de ideias, relacionado com a Revolução Argelina: a influência da doutrina francesa de guerra moderna na doutrina de segurança nacional aplicada nas ditaduras sul-americanas. Qual a influência da doutrina francesa de guerra moderna, forjada pelo colonialismo francês, na concepção de Doutrina de Segurança Nacional, das ditaduras civis-militares na América do Sul? Como foi o processo de circulação de ideias que possibilitou essa influência? Através de livros autobiográficos e entrevistas tive acesso a um mundo nebuloso, onde *homens das sombras*, circulavam como adidos militares, como o francês Paul Aussaresses que, a partir de 1961, deu cursos em Fort Bragg, Fort Benning (EUA) e foi adido militar no Brasil de 1973 a 1976. Busquei interpretar as fontes elencadas, entre elas o livro do Coronel Trinquier e panfletos de vulgarização da doutrina francesa no Brasil, além do filme A Batalha de Argel, que foi utilizado como material didático pelos adidos franceses. O terror colonial de herança francesa circulou suas ideias, que foram reelaboradas e aplicadas como terror de estado e doutrina de segurança nacional, aqui em *Nuestra America*. A doutrina francesa também serviu de *know-how* básico para a agressão imperialista dos Estados Unidos ao povo do Vietnã, tudo amalgamado pelo anticomunismo que mobilizava o ocidente em plena Guerra Fria.

Palavras-chave: doutrina francesa, doutrina de segurança nacional, colonialismo francês, Argélia, circulação de ideias.

Abstract: The city of Algiers became known as the Mecca of revolutionaries because it was an intellectual ecosystem where intellectual networks circulated revolutionary ideas of national liberation and anti-fascism. In this article, I analyze another phenomenon of circulation of ideas related to the Algerian Revolution: the influence of French doctrine of modern warfare on the doctrine of national security applied in the South American dictatorships. What is the influence of the French doctrine of modern warfare, forged by French colonialism, on the conception of the National Security Doctrine of the civil-military dictatorships in South America? How was the process of circulation of ideas that enabled

* Artigo desenvolvido originalmente sob orientação do Prof. José Rivair Macedo e do Prof. Enrique Serra Padrós. Uma parte dele foi publicada na minha tese. Reescrevi e aprofundei o tema nesse artigo, elaborando um novo texto, incluindo análise de novas fontes. Foi submetido à publicação como uma homenagem ao Prof. Padrós (*in memoriam*).

** Brasileiro, Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia - Instituto Proprietas da Universidade Federal Fluminense, Brasil Email: <w.lippold@gmail.com> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8368-4425>

this influence? Through autobiographical books and interviews, I have access to a murky world where men of shadows circulated as military attaches, such as Frenchman Paul Aussaresses who, from 1961, gave courses at Fort Bragg, Fort Benning (USA) and was a military attaché in Brazil from 1973 to 1976. I sought to interpret the sources listed, including Colonel Trinquier's book and pamphlets popularizing the French doctrine in Brazil, as well as the film *The Battle of Algiers*, which was used as a teaching material by French attaches. The colonial terror of French heritage circulated its ideas, which were re-elaborated and applied as state terror and national security doctrine, here in Nuestra America. The French doctrine also served as basic know-how for the imperialist aggression of the United States against the people of Vietnam, all amalgamated by the anti-communism that mobilized the West during the Cold War.

Keywords: French doctrine, national security doctrine, French colonialism, Algeria, circulation of ideas.

Recibido: 11 de mayo de 2023 Aceptado: 22 de junio de 2023

Introdução

Neste artigo, analiso a circulação de ideias e a influência da doutrina francesa de guerra moderna sobre a doutrina de segurança nacional (DSN) das ditaduras sul-americanas. A experiência da derrota na Indochina, em Dien Bien Phu, no ano de 1954, fez o *think tank* do exército francês racionalizar a dureza do seu fracasso na guerra colonial empreendida contra o povo vietnamita. O momento de experimentar suas novas estratégias e táticas foi a Guerra da Argélia, mais precisamente na Batalha de Argel, em 1957, quando as tropas francesas empreenderam a chamada “guerra moderna” que seria o título do livro de Trinquier (PADRÓS, 2005, pp. 628-635). A cidade de Argel é mais conhecida como ecossistema intelectual onde redes intelectuais circulavam ideias revolucionárias de libertação nacional e antifascismo. Um filme que buscou retratar os eventos ocorridos na capital da Argélia em 1957, dentro de uma visão anticolonial, foi *A Batalha de Argel* de Gillo Pontecorvo, lançado em 1965. No entanto, o filme foi apropriado pelos militares franceses, estadunidenses e sul-americanos. O livro de Trinquier (1976) e o filme *A Batalha de Argel* (1965) foram dois materiais de apoio usados em cursos de militares franceses que difundiram sua doutrina de guerra contra-subversiva nas Américas, com seus métodos peculiares baseados na informação, com amplo uso de interrogatórios, tortura “científica”, execuções em massa por esquadrões da morte, suicídios forjados, táticas de terror, atentados com bombas, emboscadas a dissidentes etc.

Qual a influência da doutrina francesa de guerra moderna, forjada pelo colonialismo francês, na concepção de Doutrina de Segurança Nacional das ditaduras civis-militares na América do Sul? Como foi o processo de circulação de ideias que possibilitou essa influência? Através de livros autobiográficos (AUSSARESSES, 2001; 2008) e entrevistas (ROBIN, 2004; DUARTE-PLON, 2016) tive acesso a um mundo nebuloso, onde “homens das sombras” (DUARTE-PLON, 2016 p. 26) circulavam como adidos militares, como o francês Paul Aussaresses, que a partir de 1961 deu cursos em Fort Bragg e Fort Benning (EUA), e foi adido militar no Brasil de 1973 a 1976. Além do mais, vejo que esse estudo pode contribuir para a compreensão das ideias relacionadas às guerras não-convencionais travadas no início de século XXI. Neste sentido, um problema secundário é o porquê do recorrente uso do filme *A Batalha de Argel* e

de livros de David Galula¹ (2005; 1964) além dos clássicos estudos de Trinquier, e qual o sentido de serem constantemente revisitados?

A fonte principal da pesquisa foi o livro de Trinquier (1976), no caso a edição argentina. Os relatos e entrevistas do documentário *Escuadrones de la Muerte: la Escuela Francesa* de Marie-Monique Robin foram basilares. Dois livros importantes que nos dão acesso a entrevistas e demais fontes são os de Marie-Monique Robin (2004) e de Leneide Duarte-Plon (2016): suas entrevistas e bases bibliográficas foram fundamentais. A busca de Leneide Duarte-Plon acerca deste tema culminou com seu livro. Mas desde 2005, com a entrevista que fez com Marie-Monique Robin, publicada no semanário *Carta Capital*, e 2008, quando entrevistou o General Aussaresses para o diário *Folha de São Paulo*, a autora buscava desvelar estas questões ainda pouco conhecidas no Brasil.

As teses de Araújo (2011) e Padrós (2005) forneceram os fundamentos para desenvolver nossas reflexões sobre a circulação de ideias e a influência da guerra moderna na doutrina de segurança nacional. As pesquisas de Martins Filho (2004; 2008) e a dissertação de Santos (2014) também foram importantes: o primeiro nas conexões e análises feitas em cima da divulgação e vulgarização da doutrina francesa não só em meios militares, mas também civis; o segundo em sua análise dos livros do General Aussaresses. Após uma pesquisa na internet, achei para venda um livreto de autoria de Pinto Brasil, pseudônimo do deputado Bilac Pinto, da União Democrática Nacional (UDN) (SANTOS, 2014, p. 131), que cumpriu um papel de divulgação da doutrina originada na França e adquirida pelos brasileiros em cursos, em palestras e em artigos que circulavam a ideia de que uma insurreição comunista estava para acontecer.

Assim, é preciso entender como funciona o argumento: devido aos métodos imorais do inimigo, que agora é interno, está difuso na multidão, no povo, o coronel Roger Trinquier ensinou o uso de técnicas também não-convencionais em sua obra *A Guerra moderna*, evocando o exemplo da batalha de Argel e os métodos usados por ele e seus paraquedistas franceses. Estes métodos estão calcados em um sistema de informação, a ação militar se confundindo com uma ação policial. O interrogatório se torna o ponto nevrálgico no combate aos militantes da FLN, pois o grande ensinamento que os franceses aprenderam em Argel em 1957 é que a informação é a base da guerra contrarrevolucionária. Um sistema de informação sólido, que esquadrinhe a sociedade e que identifique o inimigo. O interrogatório deve ser efetivo, em outras palavras o uso da tortura é necessário como arma de guerra (DUARTE-PLON, 2016). A justificativa da tortura é feita com um discurso unânime dos militares envolvidos: ela é usada para salvar vidas, pois os terroristas colocavam bombas e matavam inocentes, logo se eles não respeitam a Convenção de Genebra, nós também não podíamos respeitá-los como soldados comuns de guerra. Este argumento é constantemente evocado por Trinquier (1976) e Aussaresses (2001; 2008), entre outros oficiais que divulgaram e executaram o uso da tortura.

Para compreender o fenômeno de circulação de ideias dentro de uma rede intelectual, Devés-Valdés (2003; 2004; 2008) propõe alguns conceitos que foram adotados na presente pesquisa:

Se entiende por “redes intelectuales” la existencia de contactos profesionales durante un período de años entre un conjunto de personas que se reconocen como pares y que de manera consciente utilizan estos contactos para promover algún tipo de actividad profesional que puede ser: circulación de la información, difusión de su trabajo, organización de equipos, creación de revistas o instituciones y hasta defensa de intereses corporativos.

Por “circulación de ideas” se entiende el proceso de emisión y recepción de las ideas desde unas regiones hacia otras, asumiendo que en este transcurso se van produciendo mutaciones

¹ Segundo o historiador Matthew Connely (apud DUARTE-PLON, 2016, p. 101) a obra de Galula é uma forte influência dos estudos de contra-insurgência, apesar de ser pouco citada.

o hibridaciones y que en esta circulación hay diferentes “estaciones”, por una parte, así como diferentes “especies”, por otra. (DEVÉS-VALDÉS, 2004, pp. 338-339)

Acerca da noção de presença,

es importante pues permite un primer nivel de constatación: hubo presencia de personas que llevaron ideas u obras, aunque no sabemos si ejercieron influencias ni tampoco si las ideas gozaron de reelaboraciones. La noción “presencia” se utiliza para designar la existencia en una región de personas portando ideas, de obras en bibliotecas e incluso de referencias por parte de autores locales, aunque sin aludir a su internalización o utilización. (DEVÉS-VALDÉS, 2003, p. 88)

A noção de presença deve ser dividida em dois elementos: a presença por chegada e a presença de conhecimento. A chegada leva em conta a presença física de intelectuais e suas ideias ou de suas obras em um lugar, ainda que não tenham sido conhecidos pelos autores nativos. “Es el caso de viajeros o exiliados que permanecieron totalmente aislados del medio o de obras que llegaron a bibliotecas y jamás fueron consultadas” (DEVÉS-VALDÉS, 2003, p. 88). A presença por conhecimento indica que as ideias e obras desses intelectuais foram conhecidas pelos intelectuais autóctones, mesmo que não tenham sido assimiladas ou reelaboradas. No entanto, quando ocorre uma reelaboração, certamente manifesta-se o fenômeno da influência (DEVÉS-VALDÉS, 2003, p. 88).

A Batalha de Argel

O estado francês sempre considerou um tabu a guerra colonial travada contra o povo argelino, chamada oficialmente, até pouco tempo atrás, de “acontecimentos na Argélia” (DUARTE-PLON, 2016, p. 26). O elemento que mais suscita controvérsia é a questão dos métodos aplicados pelos militares franceses em solo argelino: a questão da tortura. O livro de Henri Alleg, *La Question*, denunciou em 1958, ainda em plena guerra da Argélia, as torturas que haviam sido aplicadas em seu próprio corpo por militares franceses. Outro militante do Partido Comunista, Maurice Audin teve o mesmo destino de milhares de desaparecidos que simplesmente sumiram, foram cinicamente apagados através das versões oficiais. Duarte-Plon (2016, p. 79) compara o desaparecimento de Audin com o de Rubens Paiva, a morte de Larbi Ben M’Hidi com a de Vladimir Herzog. A base de seu livro *A Tortura como Arma de Guerra: da Argélia ao Brasil* foram suas entrevistas com Marie-Monique Robin, que lançou um livro e um documentário chamados *Escadrons de la mort: L’école française*².

Segundo o documentário de Robin, o general argentino López Aufranc, fez um curso em 1957, na Argélia, sobre doutrina francesa. Alguns anos depois ocorreu o I Curso Interamericano de Guerra Contrarrevolucionária, em 1961, com participação de 14 países. Nessa época o livro de Trinquier é traduzido e estudado por oficiais instrutores sul-americanos. Alunos dos Estados Unidos também participaram do curso, e segundo Aufranc os estadunidenses pouco sabiam de guerra contrarrevolucionária (ROBIN, 2004; DUARTE-PLON, 2016). Mas ao mesmo tempo, havia tensão entre Estados Unidos e França, na disputa pelo mercado de armas e de ideias militares: na Argentina a presença

² A autora do livro e documentário tem em seu histórico muitos documentários premiados e polêmicos, como *Voleurs d’yeux*, de 1994, onde denunciava o tráfico de órgãos, *O Mundo de acordo com a Monsanto*, em 2008, e *Tortura Made in USA*, em 2009.

francesa foi mais densa, mas ela se difundiu indiretamente por toda a América. As entrevistas com protagonistas dos regimes de segurança nacional estão recheadas de certezas fulgurantes, mas há os silêncios que dizem muito, assim como os silêncios e olhares perdidos de uma das figuras mais sinistras da história recente que foi o General Paul Aussaresses, professor em Fort Bragg (sede das forças especiais) e talvez um dos mentores teóricos que embasaram ações como a Operação Phoenix no Vietnã do Sul, onde 20 mil civis foram mortos por esquadrões da morte comandados pelo agente da CIA Robert Komer, assassinado posteriormente (ROBIN, 2004).

A Batalha de Argel (1965), filme político e crítico ao colonialismo francês, tornou-se, contraditoriamente, material didático de formação para militares nas Américas, que buscavam nas imagens de Pontecorvo, no roteiro de Solinas, nas lentes de Gatti, os aspectos da organização da Frente de Libertação Nacional argelina, oriundas do texto original do chefe da FLN na Casbah, Yacef Saadi. Busquei analisar duplamente a relação entre cinema e história: o filme como imagem-produto do contexto histórico onde foi efetivada e o uso didático que se faz de um filme político por teóricos da guerra contrarrevolucionária. Cabe lembrar que o filme foi acusado de ter insuflado insurgentes e terroristas do IRA e extremistas comunistas alemães. Por outro lado, dois cadetes argentinos da *Escuela Superior de la Mecánica de la Armada* (ESMA), Anibal Acosta e Julio, entrevistados no documentário de Robin, relatam o uso do filme *A Batalha de Argel* em cursos de “guerra moderna” com base na nascente “doutrina francesa”.

A partir do governo Kennedy, os especialistas franceses passaram a ministrar cursos para a oficialidade latino-americana na Escola das Américas, no Panamá. Os Estados Unidos começavam a assumir o papel de intermediários na difusão da Doutrina Francesa, tanto diretamente, como nesses cursos, quanto indiretamente, passando a divulgar sua própria experiência na Guerra do Vietnã; porém, a doutrina resultante sempre teve como base importante a escola francesa. Curiosamente, junto à divulgação das obras de Jean Lartéguy (*Los Mercenarios*, *Los Pretorianos* e *Los Centuriones*), lidas particularmente pelos oficiais platinos, o filme *A Batalha de Argel* (1965), do italiano Gillo Pontecorvo, foi utilizado de forma paradoxal. Elaborado para ser um instrumento de denúncia contra as práticas coloniais repressivas na Argélia, acabou sendo utilizado pelas escolas militares, em função do caráter realista e didático das suas cenas, para instruir oficiais dos EUA e da América Latina. (PADRÓS, 2005, p. 634)

O mundo nascido após o atentado ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, parece levar os militares e intelectuais ligados ao *think tank* do complexo militar-industrial estadunidense a revisitar e repensar os clássicos da contra-insurgência, como os livros de David Galula (2005; 1964). Isso se reforça com a própria atuação dos EUA no Iraque e no Afeganistão e o conceito de Guerra ao Terror, passando pelo Ato Patriótico e o crescimento de um vigilantismo digital controlado por agências governamentais, denunciado por Edward Snowden. Não é à toa que a exibição do filme *A Batalha de Argel* (1965) é obrigatória em West Point, pois ensina aos militares estadunidenses lições sobre o funcionamento de organizações que se utilizam de métodos não-convencionais e das possibilidades estratégicas e táticas de combate a elas.

Há uma cópia nova, exibida nos cinemas americanos no começo do ano e à venda em DVD. [...] o Escritório de Operações Especiais e Conflitos de Baixa Intensidade do Pentágono (é preciso traduzir o jargão?) vê outras razões para promover o clássico de *agitprop* de 1965 do diretor italiano Gillo Pontecorvo, que deu uma mão naquela trilha sonora eletrizante de

Ennio Morricone. No e-mail convocando a tropa de analistas para a exibição privada, o Pentágono explicou que o filme pode ensinar “como ganhar a batalha contra o terrorismo e perder a guerra de ideias (BLINDER, 2004).

A atuação policial, com barreiras, invasões domiciliares e interrogatórios, que foram utilizadas pelos franceses e são mostradas no filme, parece se repetir no contexto iraquiano, principalmente após o escândalo dos torturados iraquianos, mas “nas entrevistas que deram agora em 2004 [...] tanto Yacef Saadi como Pontecorvo advertem contra as associações mecânicas com o Iraque. O filme vale por si, enraizado no seu tempo e no seu lugar” (BLINDER, 2004).

A Doutrina Francesa de Guerra Moderna

A década de 1950 inicia-se com a agudização dos antagonismos já ensaiados no imediato pós-II Guerra Mundial. A Guerra da Coreia irá marcar este momento em que os dois blocos do mundo bipolarizado irão se enfrentar chegando à beira de um conflito nuclear devastador. É uma década em que os colonizados, impulsionados por sua luta na II Guerra Mundial, e pela reconfiguração geopolítica deflagrada, buscam a sua independência, a sua autodeterminação. Já em 1949, a Revolução Chinesa causou um enorme impacto mundial e demonstrou o poder da guerra revolucionária com cunho de libertação nacional. Logo os escritos militares de Mao Zedong se tornam fontes de estudos tanto para a esquerda revolucionária, para movimentos de libertação nacional, como também para as forças colonialistas e imperialistas que buscam nestas obras criar um “antídoto”, uma guerra contrarrevolucionária, que se apoie na contra-insurgência e possa se adaptar a métodos não-convencionais.

Ao longo da primeira metade da década de 1950, o poderio colonial francês na Indochina é atacado pelo Viet Minh, o movimento de libertação nacional liderado por Ho Chi Minh e pelo General Võ Nguyễn Giáp, culminando com a sua vitória na Batalha de Dien Bien Phu em 1954. A derrota francesa foi um campo fértil para a reformulação das doutrinas militares tradicionais para uso em guerras coloniais que envolvam guerrilhas, insurgência e dificuldade de definir o inimigo, que usa o povo como linha oscilante de defesa e ataque. No mesmo ano de 1954 explode a Revolução Argelina, com os ataques da Frente de Libertação Nacional aos franceses que perdem no Magreb em 1956 o controle colonial sobre Marrocos e Tunísia.

Em 1955 ocorre a Conferência de Bandung, com a participação de 29 países afro-asiáticos e o fortalecimento dos terceiro-mundistas. Sukarno na Indonésia, Nasser no Egito e Nehru na Índia se projetaram mundialmente como líderes dos países que futuramente se autodenominariam “países não-alinhados”, junto com nomes como Tito da Iugoslávia, que desafiaram o poder bipolarizado entre a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e o Pacto de Varsóvia. Em 30 de julho de 1956 o presidente Gamal Abdel Nasser nacionalizou o Canal de Suez, atraindo para o Egito uma retaliação por parte de Israel apoiada pelas potências capitalistas.

Em 1959 triunfa a Revolução Cubana, evento que irá dar origem a uma onda anticomunista em escala continental nas Américas, reforçando as origens macarthistas estadunidenses e a influência da doutrina francesa de “guerra moderna”, juntamente com as ideologias próprias dos militares sul-americanos, que buscavam um sentido, uma missão, já que estavam imbuídos de um sentimento anticivil que os colocava como agentes redentores da sociedade. Tudo isso forma o amálgama básico do que será a Doutrina de Segurança Nacional. Em 1962 ocorre a Crise dos Mísseis, com a instalação de armas nucleares soviéticas em solo cubano, colocando os Estados Unidos à mercê de um ataque fulminante e devastador. No cenário do Sudeste Asiático, os Estados Unidos logo se veem engajados em uma nova guerra, agora no Vietnã. Na concepção da Teoria do Dominó de Eisenhower, se o Vietnã caísse nas mãos do comunismo, toda a Ásia

cairia.

Em termos geopolíticos, quando uma potência imperialista visa expandir ou pacificar regiões do outro lado do globo é importante que neutralize a instabilidade política em países de sua zona de influência direta. No caso da América Latina, quando se evoca as relações dos Estados Unidos com nossa região, o termo “quintal” aparece constantemente: seríamos considerados o “quintal dos EUA”. Neste sentido, como aceitar instabilidades no seu quintal? A intolerável situação de Cuba³, com a vergonhosa derrota na Baía dos Porcos, demonstrou que o espectro do comunismo rondava os governantes e os militares do Mundo Livre⁴. A derrota francesa em Dien Bien Phu, no ano de 1954, fortaleceu a necessidade de repensar a estratégia e as táticas militares convencionais, alguns oficiais, como o Col. Lacheroy, irão deter-se no estudo de obras sobre a guerra revolucionária, principalmente o *Livro Vermelho de Mao* e *Problemas Estratégicos da Guerra Revolucionária na China* (MAO, 1975) produzido em dezembro de 1936. Com a vitória do Viet Minh, os militares franceses, impactados pela amarga derrota de seu aparato militar tecnologicamente e numericamente superior, logo compreenderam que estavam diante de uma guerra não-convencional onde não havia fronteiras delimitadas, uma guerra total onde um sistema de informação eficiente se configuraria no núcleo da resposta militar. Assim lapidaram as bases de uma nova concepção, uma nova doutrina de guerra: a chamada guerra contrarrevolucionária. Mas ainda era necessário testá-la na realidade e a revolta anticolonialista na Argélia parecia o momento propício, pois depois de perder a Indochina a França queria manter o território argelino, já que era um departamento francês: “a Argélia é França.”

Após a derrota francesa e a divisão do Vietnã, os Estados Unidos, que já faziam pesados investimentos no lado francês, além de prestar assessoria militar na Guerra da Indochina, observando a debilidade do Vietnã do Sul em resistir ao crescimento da simpatia pelos ideais do Norte, resolveu intervir diretamente. Para conter o avanço das células vietcongues no Sul, a potência imperialista decidiu impedir a queda dos dominós, segundo a “Teoria do Dominó” proferida por Eisenhower. As conexões entre o *know-how* militar francês e o estadunidense no Vietnã certamente se fortaleceram com a intervenção dos EUA: logo

³ “Contudo, apesar do esforço norte-americano em estabelecer sua hegemonia na América Latina por diferentes meios, como o TIAR, a OEA e o USAID, em 1959 uma revolução levou ao poder, em Cuba, um grupo de guerrilheiros que, em maio de 1961, alinharam-se ao campo soviético, o que causou estremecimento na política regional em virtude do receio de que a Revolução Cubana, dirigida, entre outros, por Fidel Castro e Ernesto Che Guevara, estimulasse movimentos semelhantes nos países latino-americanos. Uma das consequências da vitória comunista em Cuba foi o estabelecimento, em 1961, da Aliança Para o Progresso. Idealizada pelo governo norte-americano durante o mandato de John F. Kennedy, o objetivo desta Aliança era, por meio de auxílios e investimentos, estimular o desenvolvimento social e econômico da América Latina, com a meta de conter o avanço do comunismo, o que excluía Cuba dela. Pouco depois de selada a Aliança Para o Progresso, com a renúncia de Jânio Quadros em 25 de agosto de 1961, ou seja, pouco mais de seis meses após assumir a presidência, João Goulart (Jango), que tinha origem no trabalhismo varguista, assumiria a presidência do Brasil. A reação dos conservadores brasileiros à renúncia de Jânio (que era o homem de confiança das elites política, econômica e militar, apesar de sua postura contraditória no pouco tempo de mandato que teve, como no episódio da condecoração do então ministro cubano Ernesto Che Guevara, em 20 de agosto de 1961), levou a uma manobra parlamentar que acarretaria a mudança do sistema de governo brasileiro de presidencialismo para parlamentarismo, impedindo que Jango tivesse plenos poderes no cargo. Desta forma, João Goulart só conquistaria o poder executivo, de fato, dois anos depois, em 1963, por meio de um plebiscito que retornou o país ao sistema presidencialista” (SANTOS, 2014, pp. 48-49).

⁴ Logo o *think tank* do complexo industrial-militar dos Estados Unidos – como por exemplo a Rand Corporation – financiou pesquisas como as de David Galula (2005; 1964) que atuou e analisou a “pacificação” francesa na Argélia em seu *Pacification in Algeria 1956-1958* e lançou um dos mais importantes livros de contra-insurgência, *Counter-Insurgency Warfare, Theory and Practice*, muito usado na formação de oficiais que atuaram no Iraque e no Afeganistão no início do século XXI.

instrutores militares franceses iriam atuar em Fort Benning e em Fort Bragg, como o experiente Paul Aussaresses a partir de 1961, e inclusive na famosa Escola das Américas no Panamá:

A originalidade da doutrina francesa, fruto de uma profunda reflexão sobre sua derrota, seria a de conjugar diversas culturas estratégicas e oferecer um sistema de reflexão heterogêneo. Esse sistema, baseado numa teoria sólida de enquadramento e organização da sociedade, encontraria um grande sucesso e se consolidaria como um dos principais elementos de exportação do Exército francês. Conscientes desse interesse, os responsáveis militares franceses traçaram um projeto de expansão comercial baseado na difusão dessa doutrina. Mas seu sucesso foi relativo e cada país adotou pontos específicos da ideologia francesa. De forma que o Quai d'Orsay e a divisão de serviço de inteligência e relações internacionais do Exército francês desenvolveu uma nova estratégia, baseada na venda de equipamentos adaptados à nova doutrina de guerra. Assim à política mercantil foi conjugada a expansão da doutrina.” (ARAÚJO; MARIN, 2008, p. 3)

Coube ao Tenente Coronel Roger Trinquier⁵ sistematizar a nova concepção em seu livro *A Guerra Moderna* (1976) que se tornou um dos clássicos da chamada “era da contra-insurgência”, junto com *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice* de David Galula. Segundo Benedetti (2012)

La primera experiencia relevante contrainsurgente se debe situar en Argelia durante el proceso de descolonización llevado a cabo por el Frente de Liberación Nacional. Con la experiencia de haberse retirado derrotados de Indochina, Francia se encarnizó en conservar su “Provincia” del Magreb. Tal vez el manual que mejor ha expresado el pensamiento contrainsurgente de dicho periodo es el elaborado por Roger Trinquier.

⁵ Não se deve esquecer de outros nomes importantes elencados por Araújo e Marin (2008, pp. 6-7). “Desde 1953 o coronel Jean Nemo, especialista da guerra psicológica na Indochina, publica alguns artigos dedicados à guerra revolucionária e à arma psicológica (NEMO: 1953). No ano seguinte, Charles Lacheroy publica dois outros artigos respectivamente na *Revue de Défense Nationale* e na revista do *Centre Militaire d'Information et de Spécialisation pour l'Outre-Mer*, enquanto o comandante Jaques Hogard publica três anos depois um importante artigo de síntese sobre o assunto na mesma revista (HOGARD: 1956). Os volumes difundidos pela embaixada francesa correspondem aos anos 1956 e 1957, período de maior desenvolvimento teórico e prático da guerra revolucionária. Além desses artigos de revistas militares, encontramos citados nos índices destas revistas diversos livros puramente doutrinários, como os que citamos a seguir: « La guerre révolutionnaire », pelo comandante Jacques Hogard, *Revue de Défense Nationale* (dezembro 1956 - janeiro 1957); « La révolution en Algérie », por R. Schaefer, em *France Empire; Contre-Guérilla* de P. Rolland, edições Lauvois; *La Chine du nationalisme au Communisme*, de J.-J. Brioux, edições Du Seuil; *L'étoile contre la croix*, de R. P. Dufay, edições Casterman; « La victoire de l'armée sur la guérilla communiste », por J. Denfreville, *Revue de Défense Nationale* (outubro - novembro 1955); « La guerre em Indochine », do Général Chassin, *Revue de Défense Nationale*; *Le vietminh et la guerre psychologique*, por Yvonne Pagniez, edições Du Vieux Colombier. A maior parte desses artigos citam ou se baseiam nos escritos revolucionários comunistas, tais como O que fazer? de Lenin (1902), A revolução Bolchevique de Trotsky (1918), Problemas estratégicos da guerra revolucionária na China de Mao Tsé Tung (1936) e alguns escritos do general vietnamita Võ Nguyên Giáp (1956). As sucessivas citações e deformações nesses textos têm por objetivo legitimar e afirmar o pensamento militar francês, na verdade parecem reproduzir os ensinamentos da *Ecole Militaire Spéciale* de Saint-Cyr e da *Ecole Supérieure de Guerre* de Paris. O Exército francês adotava a guerra revolucionária como doutrina oficial, incorporando seus métodos e suas táticas. Seus teóricos designam a nova teoria com o nome do problema que deseja combater: a revolução.”

O livro de Trinquier (1976) foi usado como material de estudo por militares dos Estados Unidos, Argentina, Brasil, Chile e Uruguai, juntamente com o filme *A Batalha de Argel*, que se tornou obrigatório nas aulas sobre guerra revolucionária e guerra não-convencional:

Sabemos que una condición *sine qua non* de la victoria en la guerra moderna es el apoyo incondicional de la población. Según Mao Tse-Tung eso es tan esencial al combatiente como el agua al pez. [...] En la guerra moderna no nos enfrentamos a un ejército organizado de acuerdo con las líneas tradicionales, sino con un ejército algunas veces muy pequeño, pero consistente y efectivo, que trabaja en la clandestinidad dentro de la misma población, manipulado por determinada organización. A ése es al que hay que temer, y ése es el que hay que derrotar. (TRINQUIER, 1976, pp. 34-35)

Logo depois Trinquier compara o efetivo francês na Argélia, em torno de 300 mil soldados com a projeção do número de militantes da FLN, em torno de 30 mil, afirmando que se houvesse uma batalha convencional e aberta, em poucas horas o exército francês esmagaria os rebeldes, mas a guerra moderna coloca a população como elemento fundamental através da clandestinidade. Então ele introduz uma questão central: “El terrorismo, pues, *es un arma de guerra* que no puede ser por más tiempo ignorada, y mucho menos menospreciada. Para nosotros, es un arma que merece ser estudiada detenidamente” (TRINQUIER, 1976, pp. 44-45, *itálico no original*).

De acordo com o Coronel Trinquier, o terrorismo é a principal arma de controle da população por parte dos insurgentes:

El objetivo principal de la guerra moderna es el control de una población, y el terrorismo constituye entonces el arma más apropiada para ello, ya que va dirigido directamente hacia sus habitantes. En la calle, en el trabajo, en sus casas, los ciudadanos viven, bajo el terrorismo, en una constante amenaza de morir violentamente. Debido a esto, el ciudadano llega a tener la impresión de que está aislado e indefenso, y, como al propio tiempo todavía no se ha conseguido que las autoridades públicas – incluyendo la policía – puedan garantizarle su seguridad en medio de esta situación, acaba por perder la confianza, y poco a poco va inclinándose hacia los terroristas, que es lo que éstos buscan, al experimentar que son los únicos que pueden proporcionarle la protección debida. Así, el objetivo principal del terrorismo, que consiste en provocar la vacilación de la población, se ha obtenido.” (TRINQUIER, 1976, p. 45)

Trinquier (1976, p. 50) explica que o terrorismo é uma arma que não foi usada sistematicamente pelo Viet Mihn, que teve sucesso em implementar a guerra de guerrilhas. Então ele começa um raciocínio que se calca no seguinte argumento: o terrorista não é um criminoso comum, ele luta por uma causa ou ideal que acredita ser nobre, “El mismo ideal que guía a los soldados en el campo de batalla. A una orden de sus superiores mata sin tener el menor odio hacia sus víctimas.” Apesar da semelhança com os soldados da guerra convencional, Trinquier (1976, p. 51) diferencia o terrorista já que seu ataque seria covarde, mata mulheres e crianças e não dá o direito de defesa, mas antes ele argumenta:

Esto parece criticable. Pero, en una época de la historia en que el bombardeo de las ciudades abiertas es permitido y cuando dos ciudades japonesas fueron eliminadas de la faz de la tierra por la bomba atómica, cuando hubo apuro en terminar rápidamente la guerra en el Pacífico,

no es posible reprochar al terrorismo que actúe en la forma que lo hace. Yassef Saadi, jefe de la Zona Autónoma de Argel, declaró de su arresto: “Puse más bombas en la ciudad porque no tenía aeroplano para tirarlas. Pero causé menos víctimas que la artillería o el bombardeo aéreo de nuestras pequeñas localidades. Yo estoy en guerra. Nadie puede criticarme por lo que hago”. (TRINQUIER, 1976, p. 51)

Para Trinquier (1976, p. 51), o que diferencia o terrorista do soldado comum, do aviador e do artilheiro, é que os ataques desses últimos têm a possibilidade de defesa, o bombardeiro pode ser abatido pela artilharia antiaérea, o artilheiro pode ser morto pelas tropas defensoras, já o terrorista ataca de um modo que não permite a defesa, é um covarde neste sentido. Assim, está montado o argumento que levará diretamente a justificativa do uso de tortura e de ações clandestinas pela doutrina francesa de guerra moderna: o terrorista não respeita as “leis” da guerra, portanto nós também não devemos respeitá-las, se quisermos vencer.

Uma das dificuldades da guerra moderna é a identificação do inimigo (TRINQUIER, 1976, p. 58), já que este tipo de guerra é travado contra um inimigo difuso na população, escondido e clandestino. O que separa os dois lados não é uma linha convencional, uma fronteira, mas sim uma linha ideológica, que deve ser descoberta através de métodos eficazes, onde o setor de inteligência e informação é a espinha dorsal da guerra contrarrevolucionária. Trinquier (1976, pp. 27-29) expõe o que é uma organização clandestina e usa o esquema piramidal em células da Frente de Libertação Nacional argelina como estudo de caso, e a Batalha de Argel é o grande exemplo de guerra moderna. O grande problema é que o inimigo interno, que nada como um peixe dentro das massas populares, se beneficia do estado democrático de direito, da legalidade, e mesmo antes de se declarar um estado de guerra ele já está se preparando para o combate⁶. Neste sentido, apesar de defender a civilização ocidental e cristã e seus valores de liberdade, se quer ganhar, o militar deve pensar se não seria importante uma intervenção que molde a sociedade tornando-a adequada à guerra moderna. No filme *A Batalha de Argel*, vê-se uma cena em que o Coronel Mathieu, que seria uma representação do Coronel Bigeard, famoso por seus “camarões”⁷, é entrevistado e pressionado por jornalistas sobre o uso da tortura. A sua resposta é incisiva: ele afirma que todos querem que a Argélia continue francesa, inclusive os socialistas, mas discordam quanto aos métodos. Mathieu avisa: se querem que a França não saia da Argélia, que se aceitem as consequências, ou seja, aceitem a tortura sistemática, os desaparecimentos e execuções sumárias.

⁶ A doutrina francesa possuía um “projeto de intervenção militar na sociedade – que resultaria nas crises militares de 1958, 1960, 1961 e 1962. O mesmo não ocorria na sociedade norte-americana. Profundamente enraizada na história militar e política francesa, desde as reflexões de general Lyautey sobre o papel do Exército na administração das colônias, no final do século XIX, até a militância antibolchevique de círculos importantes do Exército que desembocaria no regime de Vichy, o ideário francês sobre a função dos militares na política – que, apesar de sua variedade de fontes, encontrava um ponto comum na insatisfação com a democracia e o governo parlamentar e na adesão a um acentuado elitismo – parecia familiar aos militares latino-americanos, ao mesmo tempo em que os adulava, ao demonstrar que suas pulsões intervencionistas não eram uma anomalia típica de países atrasados” (MARTINS FILHO, 2004, 7-8).

⁷ Camarões de Bigeard era como chamavam os cadáveres que apareciam na praia de Argel, oriundos dos voos da morte, estilo de execução criado na Argélia e posteriormente utilizado na ditadura argentina.

A Doutrina de Segurança Nacional no Cone Sul e a Escola Francesa

Desde a obra de Comblin, de 1977, se manifestou a hipótese de que as ditaduras sul-americanas calcadas na Doutrina de Segurança Nacional seriam oriundas diretamente da política externa estadunidense. Mendes (2013) analisa a historiografia sobre sua origem comparando as obras de Comblin, Herrera, Váldez e Rouquié, e aponta Herrera como um dos que enfatizam o papel das missões militares, incluindo a francesa e suas doutrinas. Não se deve também esquecer dos processos internos e das demandas dos militares sul-americanos. Por outro lado, alguns trabalhos na França, na Argentina e no Brasil (ROBIN, 2004; ARAÚJO, 2011; MARTINS FILHO, 2004; DUARTE-PLON, 2016; LÓPEZ, 1988) apontam a influência da doutrina francesa na formação dos regimes de segurança nacional.

Quando analiso as ditaduras civis-militares mergulhadas na Doutrina de Segurança Nacional, busco compreendê-las dentro de uma dialética do interno e do externo, sendo o interno os interesses e demandas nativas com suas singularidades, e o externo a influência de potências imbuídas da ideologia anticomunista. No nosso caso dois elementos externos se correlacionam, mas não deixam de ter suas contradições: o elemento estadunidense e o elemento francês. No caso do elemento anticomunista oriundo dos Estados Unidos, que possui um histórico bastante conhecido, o Macarthismo; e no exemplo da doutrina francesa de “Guerra Moderna”, a guerra contrarrevolucionária.

Segundo Padrós (2012, pp. 496-498), a Doutrina de Segurança Nacional foi instituída pelo Terror de Estado, e ao analisar o caso do Uruguai detectou cinco matrizes que a formariam: 1) a doutrina francesa desenvolvida na Indochina e Argélia; 2) o franquismo e outros elementos conservadores espanhóis, dentre eles um catolicismo cruzadista e reacionário; 3) elementos nazifascistas oriundos dos contatos com missões italianas e alemãs; 4) singularidades ideológicas próprias dos conservadores, pois as elites militares e civis autóctones não são meros marionetes de poderes externos; 5) A doutrina de segurança nacional em si, oriunda dos Estados Unidos.

Através dos trabalhos de Martins Filho (2004; 2008), de Araújo (2008; 2011; 2013; 2016) e de Santos (2014) eu pude vislumbrar algumas das conexões que ligaram o ensino da doutrina francesa e a sua utilização nas ditaduras civis-militares do Cone Sul. Um dos personagens-chave de toda esta trama foi o General Paul Aussaresses, que através de sua biografia pode nos proporcionar uma visão do *dark side* francês: de herói da resistência a carrasco de Argel, passando pela Indochina e por Suez, foi professor em Fort Bragg, foi adido militar no Brasil de 1973 a 1975 e um poderoso lobista em prol da indústria armamentista francesa. Vê-se que a base material, o *hardware* militar tecnológico, tinha como *software* ideológico a guerra contrarrevolucionária. Para vender melhor é importante criar um bom marketing. Que é a publicidade, senão a racionalização e reconfiguração do desejo do consumidor? Em momentos de Guerra Fria, qual era o papel dos militares dos países que não estavam no quadro da guerra nuclear? Com a doutrina francesa eles tiveram uma razão de ser, uma missão: extirpar o comunismo que estaria se infiltrando nas sociedades, muito devido à “moleza” democrática.

As semelhanças dos aparatos usados pelos franceses em Argel e os aplicados pelas ditaduras do Cone Sul não são coincidências, e mesmo a rede internacional do terror conhecida como Operação Condor parece ter sido em parte fruto dos ensinamentos franceses. Pinochet, Contreras, Videla, Aufranc, Figueiredo, todos estes nomes conhecidos tiveram contato com instrutores militares franceses em sua formação e contaram com o apoio do serviço secreto francês, uma democracia apoiando uma ditadura (DUARTE-PLON, 2016).

As andanças de Aussaresses (2001; 2008) pelas Américas são expostas em seus livros e nas entrevistas que deu (DUARTE-PLON, 2016; ROBIN, 2004) para jornalistas. A sua história pôde nos ajudar a remontar as conexões entre colonialismo francês, doutrina francesa de guerra moderna, doutrina de guerra

contrarrevolucionária e doutrina de segurança nacional:

Paul Aussaresses, importante protagonista na repressão contra a FLN, foi adido militar no Brasil entre 1973 e 1975. Deste país, lembra ter tido “una relación muy estrecha con los militares brasileños”, 57 que, segundo ele, deram considerável suporte ao golpe do general Pinochet contra o governo Allende. Por sua vez, o general Manuel Contreras, ex-chefe da DINA chilena, um dos mentores da Operação Condor, reconheceu que o oficial francês treinou seus agentes em território brasileiro, na cidade de Manaus. (PADRÓS, 2005, p. 634)

Nos cursos da França, além de americanos, participavam militares israelenses e portugueses. Nas instruções efetuadas por adidos militares franceses em Fort Benning, Fort Bragg, na Escola das Américas no Panamá e em cursos na Argentina participaram militares de todo o continente americano⁸.

No processo de importação das ideias francesas, a Argentina saiu na frente. Como mostrou o trabalho pioneiro de Ernesto López, o então coronel Carlos J. Rosas, que acabava de regressar da França, assumiu em 1956 a subdireção da Escuela Superior de Guerra, em Buenos Aires, dando início a um processo de redefinição doutrinária calcado nos ensinamentos de veteranos franceses da Indochina e da Argélia. Em 1957, o referido oficial trouxe para a ESG argentina, na qualidade de professores e assessores da direção, quatro militares com experiência nas guerras coloniais: os tenentes-coronéis Badie, de Naurois, Bentresque e Nougues, que aí permaneceram até 1962. Segundo Carina Perelli, que entrevistou alguns deles, estes eram pagos pelo governo argentino e gozavam de licença de suas funções no Exército francês. Entre 1958 e 1959, a *Revista de la Escuela Superior de Guerra* publicaria uma série de artigos de autoria desses assessores e de um grupo de oficiais argentinos que havia estagiado na Europa, cujo tema central era a doutrina da *guerre révolutionnaire*. Em 1959, “realizou-se na E.S.G. a Operação Ferro, um curso de pós-graduação constituído de uma série de conferências sobre a guerra anti-subversiva, destinado à atualização de oficiais de Estado-Maior já formados”. No ano seguinte, o já general Rosas reuniu na Chefia do Estado-Maior do Exército “uma equipe de mais ou menos 15 destacados

⁸ “Militares uruguaios também participaram desse curso. Independente do material francês de estudo da guerra contrarrevolucionária que circulava no país, o aperfeiçoamento era feito na Argentina. O treinamento recebido era o mesmo que recebiam as Forças Armadas argentinas. O depoimento do general Daniel García, ex-chefe do exército uruguaio, reforça isso: “Vimos mucho material francés. [...] Nosotros concurrimos también a la Argentina a estudiar ese material francés de la experiencia de la guerra de Argelia.” Em meados da década de 1970, nova missão francesa foi enviada à Argentina. Robert Servant, veterano da Segunda Guerra, da Guerra da Indochina e do 5º Departamento de Ação Psicológica na Argélia, chegou a Buenos Aires em 1974. Na Argélia, foi responsável pelos interrogatórios dos “arrepentidos” (*ralliés*). Pouco depois, a Triple A passou a ter assessoria de membros da organização paramilitar clandestina Organisation Armée Secrete (OAS), que haviam combatido na Argélia. O mais destacado foi Jean Charles Gardes, cujos homens participaram no massacre de Ezeiza, no momento da volta de Perón do exílio. Durante a ditadura inaugurada por Videla, diversos mecanismos repressivos que os franceses haviam experimentado na Indochina e amadurecido na Argélia foram colocados em prática. A zonificação territorial, a infiltração das organizações consideradas subversivas, a política do desaparecimento e os “voos da morte” foram métodos repressivos aprendidos com os franceses e que acabaram sendo aplicados contra a população argentina e os refugiados latino-americanos. Um ex-ministro do Interior da ditadura, general Albano E. Harguindeguy, reconheceu a importância da escola repressiva francesa ao afirmar que foi com ela que os militares argentinos aprenderam técnicas de tortura e a prática dos desaparecimentos forçados de pessoas. Os colegas franceses também recomendavam o uso do choque elétrico, mesmo não o tendo ensinado.” (PADRÓS, 2005, pp. 634-635)

oficiais recém-saídos da E.S.G. e constituiu uma equipe com a qual realizou a Operação Ferro Forjado”, uma “adaptação da organização e procedimentos do Exército à doutrina anti-subversiva” (MARTINS FILHO, 2004, pp. 4-5).

Martins Filho (2004; 2008), com sua pesquisa pioneira no Brasil, teve como uma das bases o trabalho de López (1988) e conseguiu abordar profundamente a difusão da doutrina francesa para os militares do Cone Sul:

No caso do Brasil, o coronel Augusto Fragoso pronunciou em maio de 1959, no curso de Estado-Maior e Comando da Escola Superior de Guerra a histórica palestra “Introdução ao estudo da guerra revolucionária”, fruto aparentemente de seus próprios estudos diretos da produção francesa, que evidentemente começaram algum tempo antes. Em 1958, o Estado-Maior da Armada brasileira publicara *Alguns estudos sobre a guerra revolucionária*, coletânea de quatro artigos traduzidos da *Revue Militaire d'Information* e um da *Revue de Defense Nationale* (“A técnica da insurreição” do general L-M. Chassin). Por sua vez, o *Relatório do Seminário de Guerra Moderna*, também de 1958, publicara as recomendações dos Grupos de Estudos reunidos na ECEME, constituídos por oficiais instrutores da escola, no sentido de que se incluísse no currículo escolar “assuntos relativos à guerra insurrecional” (MARTINS FILHO, 2004, p. 5).

No Brasil, além de cursos e artigos, Martins Filho⁹ (2004) e Santos¹⁰ (2014) apontam um processo de capilarização e vulgarização externa das ideias baseadas na doutrina francesa de guerra moderna, como os discursos do líder golpista da UDN, o deputado Bilac Pinto, supostamente o autor do *Livro Branco sobre a Guerra Revolucionária* (1964). Sobre este texto, Santos (2014, pp. 131-132) afirma sarcasticamente que seu principal objetivo era

⁹ O progressivo fechamento interno foi acompanhado pela abertura da ação psicológica ao público civil, como parte da ação golpista. Assim, a partir de 1961, começam a ser publicados livros e panfletos destinados a um público mais amplo, cujo primeiro exemplo foi, talvez, *Democracia e comunismo*, coletânea de artigos extraídos de *A Defesa Nacional*, editada como “publicação autorizada pelo Estado-Maior do Exército”, sem indicação de editora ou local de publicação. O livro de 174 páginas tinha como ilustração de capa um mapa do Brasil sobre o qual avançava no horizonte uma garra vermelha de unhas afiadas, contida por um soldado que, de baioneta em riste, a feria na carne. Os dez artigos da coletânea procuravam divulgar a cartilha das técnicas da guerra psicológica comunista. Na introdução, “Como vencer o comunismo”, o coronel Ayrton Salgueiro de Freitas afirmava que “o comunismo só pode existir na obscuridade e o meio mais eficaz que temos para combatê-lo é expô-lo, onde ele exista. Tragam a conspiração para a luz, revelem os defeitos de sua filosofia, mantenham pressão sobre ela, obrigando-a a retirar-se”. Já em 1964, o folheto de 54 páginas, *Livro Branco sobre a guerra revolucionária no Brasil*, reproduz quase literalmente as discussões militares sobre a doutrina francesa – técnicas destrutivas, técnicas construtivas, fases de desenvolvimento, guerra psicológica, parada e resposta etc. – para em seguida demonstrar, numa longa lista de trinta e oito episódios relativos às greves e crises do período, que a guerra revolucionária já existia no país. O texto se encerra com um apelo: “Faz este livro circular”. (MARTINS FILHO, 2004, pp. 19-20)

¹⁰ Santos (2014, p. 131) analisa este “pequeno livro-folheto de 53 páginas intitulado *Livro Branco sobre a guerra revolucionária no Brasil*, publicado pela Livraria do Globo, em 1964. Seu autor, Pedro Brasil, é um pseudônimo, bem como o suposto ‘Comando Geral Democrático’ (CGD) parece não ter existência enquanto instituição reconhecida e assumida por algum grupo na sociedade civil da época. Thomas Skidmore atribui a autoria de tal livro ao então deputado federal Olavo Bilac Pinto que, dentro da UDN rivalizava com Carlos Lacerda a liderança da extrema-direita udenista (SKIDMORE, 2003: 333; 493, nota 33)” (SANTOS, 2014, p. 131).

a defesa da civilização cristã brasileira contra a “besta-fera” comunista, essencialmente autoritária. Aliás, “Comandos” de direita, àquela altura, não eram raros de se encontrar no Brasil, pois é difícil não associar o suposto “CGD” (Comando Geral Democrático) ao concreto “CCC” (Comando de Caça aos Comunistas), surgido em 1963. Com sua pequena obra, Bilac Pinto não fazia mais que cumprir uma das fases daquilo que ele explica com maestria em seu texto, a doutrina da guerra revolucionária. Seu livro-folheto nada mais é do que a concretização de uma das fases da doutrina francesa, a “guerra psicológica”: “ação insidiosa e persistente sobre o moral e o sentimentalismo dos indivíduos e das MASSAS, com a finalidade de conquistá-los” (PEDRO BRASIL, 1964: 17). Seu livro não vem com a tiragem, mas sua apresentação, linguagem, conteúdo e conclusão (“BRASILEIRO: [...] Faz este livro circular”), indicam ter sido elaborado para “as massas”. Deputado naquele 1964, Bilac Pinto era um civil imbuído das doutrinas militares que vinham sendo estudadas dentro da caserna desde a segunda metade da década de 1950 e que influenciou de maneira decisiva os oficiais que orquestraram o golpe de 1964. (SANTOS, 2014, pp. 131-132)

Tive a oportunidade de adquirir este livro-panfleto, pesquisei em um site de vendas virtuais de livros usados e o encontrei em um sebo do centro de Porto Alegre. Ao abri-lo tive um sentimento aurático, no sentido de Benjamin: vi uma assinatura e concluí que o livro pertenceu a um Tenente Coronel, chamado José Pedro Martins Gomes. Vê-se seu carimbo e sua assinatura, em várias páginas do livreto, que está todo sublinhado e esquematizado. A informação que consta escrita abaixo da assinatura na página 5 é a seguinte: P.A., 11 de abril de 1964. O livro, provavelmente foi adquirido em Porto Alegre, 10 dias após o golpe civil-militar no Brasil e provavelmente o tenente coronel, assim como muitos outros militares e civis, estudaram o material de segunda mão e não os livros em francês ou em espanhol de Trinquier e cia. Aqui emerge a importância de conhecer estas obras de difusão, pois se direcionavam ao grande público. A capa do livreto é composta por dois mapas do Brasil em cor preta, contrapostos, se tocando na ponta do Rio Grande do Sul: um Brasil de pé, correto, direito, outro invertido, de cabeça para baixo. Envolto por um mar vermelho, que parece agressivamente invadir o mapa, o título está com cor branca, com uma fonte que simula letras pintadas com pincel ou rolo de tinta, com pequenas falhas laterais que dão um efeito de pichação. Dentro dos mapas estão as palavras “branco” (no mapa de cima) e “no Brasil” (no mapa abaixo); as letras “bra” de branco e Brasil estão alinhadas. O livreto é um exemplo material da ideologia anticomunista que embasou o golpe de 1964, seu conteúdo é um resumo vulgarizado e adaptado da guerra moderna da escola francesa.

Considerações Finais

A influência da Doutrina Francesa ou Guerra Moderna na Doutrina de Segurança Nacional se deu através de intensa circulação de ideias, através da presença de adidos militares franceses que treinaram oficiais e trouxeram suas obras, que foram traduzidas, estudadas e capilarizadas através de materiais como o livro-panfleto brasileiro que analisei. Pode-se afirmar que a Batalha de Argel, ocorrida entre janeiro e setembro de 1957, se tornou um laboratório do que já se ensaiava na Indochina: o uso massivo de tortura, esquadrões da morte, execuções sumárias e desaparecimentos. Sob o nome de doutrina francesa, guerra moderna, guerra contrarrevolucionária e seus desdobramentos conceituais adaptados, esta tecnologia de poder baseada em violência, que abriga concomitantemente o racional e o irracional, estava calcada no anticomunismo, no conservadorismo, e muitas vezes aparentemente beirava a paranoia. Mais que criticar a

paranoia anticomunista e vê-la como uma aberração, deve-se compreender a materialidade da ideologia e o porquê do seu poder de interpelação. Em primeiro lugar não se pode esquecer das singularidades dos militares sul-americanos, suas demandas, sua busca por um lugar e um sentido político em um mundo dominado pela doutrina de guerra nuclear.

É também importante frisar que a doutrina francesa, difundida para as Américas, ensinada para oficiais de Israel, do regime racista de *apartheid* sul-africano, para militares salazaristas portugueses, era também um poderoso lobby para fazer publicidade dos mísseis Roland e aviões Mirage franceses, para consolidar uma projeção da indústria armamentista francesa disputando mercado, inclusive contra aliados como os Estados Unidos.

Sob vários aspectos, a violência é um evento heurístico de excepcional significação. Revela o visível e o invisível, o objetivo e o subjetivo, no que se refere ao social, econômico, político e cultural, compreendendo o individual e o coletivo, a biografia e a história. Desdobra-se pervasivamente pelos poros da sociedade e do indivíduo. (IANNI, 2004, p. 169)

Esta citação de Ianni nos fornece o significado contraditório da violência na sociedade. Quando o consenso é quebrado, quando o *soft power* deixa de ser efetivo, entram em jogo as tecnologias de poder que usam da violência para implementar seus projetos políticos, como por exemplo o uso do Terrorismo de Estado para implementar a Doutrina de Segurança Nacional e buscar uma modernização dependente e conservadora, como no caso das ditaduras do Cone Sul.

A partir deste momento entendo o sentido do uso do filme *A Batalha de Argel* por militares que visavam combater revoluções comunistas e terceiro-mundistas, o mesmo que rege o recente uso do filme para ensinar guerra não-convencional a militares que atuaram no Iraque, Afeganistão e que certamente estão atuando na Síria. Notem que estas técnicas militares podem servir para defender um país da insurgência, mas podem, certamente, ser invertidas e usadas para criar instabilidade e derrubar governos como no caso da Líbia de Khadafi. Com as possibilidades tecnológicas (dronização da guerra, ciberguerra) e com a crescente terceirização de exércitos (empresas de mercenários como a Blackwater-Academi), parece que a guerra será repensada em termos teóricos, mas os clássicos da contra insurgência possivelmente continuarão ainda como base.

Mas o que mais impressiona é o uso de um filme revolucionário, clássico do *agitprop*, se tornar material didático em escola de torturadores. Na verdade, todos os teóricos da guerra moderna francesa aprenderam com a esquerda revolucionária, com Mao, com Giáp e com o filme de Pontecorvo. O filme, como afirmei anteriormente, é uma obra prima do cinema e por seu cuidado em retratar a Batalha de Argel acabou demonstrando uma série de informações, estratégias, táticas, documentos de uma organização clandestina. No mesmo sentido, mostrou sem pudor a ação dos militares franceses, racionalmente esquadrinhando informações através do choque elétrico, do estupro, da mutilação, espancamento e afogamento, circuitos de informação regados a doses generosas de pentatol sódico, o soro da verdade que amolecia a resistência do interrogado e da interrogada, ou podia dopá-lo até que fosse jogado no mar, em um voo da morte ao som de tango.

O terror colonial de herança francesa pôde ser exportado, ele circulou, suas ideias foram reelaboradas e aplicadas como terror de Estado e Doutrina de Segurança Nacional aqui em *Nuestra America*, serviu de *know-how* básico para a agressão imperialista dos Estados Unidos ao povo do Vietnã, tudo amalgamado

pelo anticomunismo que mobilizava o ocidente em plena Guerra Fria. Mas não se deve esquecer que na história e no filme de Pontecorvo, os colonialistas venceram a batalha militar na Casbah, mas poucos anos depois perderam a “sua” Argélia: o povo argelino saiu às ruas, alcançando a independência. Esta questão não passou batida pelos militares, que refletiram sobre a possibilidade de seu sucesso na Argélia ter sido uma vitória de Pirro.

Referências

- A BATALHA DE ARGEL; Direção de Gillo Pontecorvo; Produção de Yacef Saadi; Argel: Casbah Films/Igor Films, 1965. 2 DVD.
- ARAUJO, R. N.; MARIN, R. A Guerra Revolucionária: afinidades eletivas entre oficiais brasileiros e a doutrina francesa (1957-1974). In: Maria Celina D’Araújo, Samuel Alves Soares e Suzeley Kalil Mathias. (Org.). Defesa, segurança internacional e forças armadas. I Encontro da ABED. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 189-204. Disponível em:
<http://www.academia.edu/7308730/A_guerra_revolucionaria_do_exercito_frances_no_Brasil> Acesso em: 23 de março de 2023.
- ARAUJO, Rodrigo Nabuco de. Conquête des esprits et commerce des armes : la diplomatie militaire française au Brésil (1945-1974). Histoire. Université Toulouse le Mirail - Toulouse II, 2011. Disponível em:
<https://tel.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/690336/filename/Nabuco_Rodrigo.pdf>. Acesso em: 25 de setembro de 2016.
- ARAUJO, Rodrigo Nabuco de. L’art français de la guerre. Transferts de la doctrine de la guerre révolutionnaire au Brésil (1958-1974) , Cahiers des Amériques latines [Online], 70 | 2013. Disponível em: <<http://cal.revues.org/2339>> Acesso em: 30 setembro de 2016.
- ARAUJO, Rodrigo Nabuco de. La coopération entre les services de renseignement français et brésilien (1964-1975) : contre-révolution, anticomunisme et répression. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En línea], Coloquios, Puesto en línea el 25 enero 2016, Disponível em:
<<http://nuevomundo.revues.org/68873>> Acesso em: 29 de setembro de 2016.
- AUSSARESSES, Général Paul. Services Spéciaux: Algérie 1955-1957. Paris: Perrin, 2001.
- AUSSARESSES, Général Paul. Je n’ai pas tout dit: ultimes révélations au service de la France. Paris: Éditions du Rocher, 2008.
- BENEDETTI, Darío Andrés De Benedetti. La contrainsurgencia contemporánea. VII Jornadas de Sociología de la UNLP. Departamento de Sociología de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, La Plata, 2012. Disponível em: <<http://www.aacademica.org/000-097/228>> Acesso em: 10 de agosto de 2016.
- BLINDER, Caio. Lições de Argel. Primeira Leitura. Março de 2004. Disponível em:
<http://www.primeiraleitura.com.br/html/revista/25/materias/licoes_argel/index.php>. Acesso em: 08 de outubro de 2004.
- BRASIL, Pedro. Livro branco sobre a guerra revolucionária no Brasil. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1964.

- DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. La Circulación de Ideas en el Mundo Periférico: algunas presencias, influencias y reelaboraciones del pensamiento latinoamericano en África. Anos 90, Porto Alegre, núm. 18, dez. 2003.
- DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. La Circulación de las ideas y la inserción de los científicos económico-sociales chilenos en las redes conosureñas durante los largos 1960. Historia, núm. 37, vol. II, Instituto de Historia, Pontificia Universidad Católica de Chile, julho-dezembro, 2004, pp. 337-366. Disponível em: <<http://clacso.redalyc.org/articulo.oa?id=33437203>> Acesso em: 17 de abril de 2023.
- DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. O Pensamento Africano Sul-Saariano. Conexões e paralelos com o pensamento Latino-Americano e o Asiático (um Esquema). Brasil, São Paulo, Clacso - EDUCAM, Setembro de 2008. Disponível em <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/coedicion/valdes/>> Acesso em: 8 abril de 2023.
- DUARTE-PLON, Leneide. A Tortura como arma de Guerra - Da Argélia ao Brasil: Como os militares franceses exportaram os esquadrões da morte e o terrorismo de Estado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2016.
- FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Tradução de Enilce Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- IANNI, Octavio. Capitalismo, violência e terrorismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- LÓPEZ, Ernesto. Seguridad nacional y sedición militar. Buenos Aires: Legaz, 1988.
- MAO. Obras Escolhidas de Mao Tsetung, Tomo I, pp. 295-430. Edições em Línguas Estrangeiras, Pequim, 1975.
- MARTINS FILHO, J. R. A educação dos golpistas: cultura militar, influência francesa e golpe de 1964. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Cultures of Dictatorship. Maryland\USA: Universidade de Maryland, setembro de 2004. Disponível em: <<http://www2.ufscar.br/uploads/forumgolpistas.doc>>. Acesso em: 01 de outubro de 2022.
- MARTINS FILHO, J. R. João Roberto. A influência doutrinária francesa sobre os militares brasileiros nos anos de 1960. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, vol. 23, núm. 67, pp. 39-50, June 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092008000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 2 de outubro de 2022.
- MENDES, Ricardo Antonio Souza. Ditaduras civil-militares no Cone Sul e a Doutrina de Segurança Nacional – algumas considerações sobre a Historiografia. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, vol. 5, núm.10, jul./dez. 2013, pp. 6-38.
- PADRÓS, Enrique Serra. Como el Uruguay no hay... Terror de Estado e Segurança Nacional no Uruguai (1968-1985): do Pachecato à Ditadura Civil-Militar. Porto Alegre: Tese de Doutorado, UFRGS, 2005.
- PADRÓS, Enrique Serra. A ditadura civil-militar uruguaia: doutrina e segurança nacional. Varia hist., Belo Horizonte, vol. 28, núm. 48, pp. 495-517, Dec. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752012000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de agosto de 2022.
- ROBIN, Marie-Monique. Escadrons de la mort, l'école française. Paris: La Découverte, 2004.
- SANTOS, Luciano Felipe dos. Paul Aussaresses: um general francês na ditadura brasileira (um estudo de caso). 2014. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Acesso em: 02 de out. 2022.
- TRINQUIER, Roger. La Guerra Moderna. Buenos Aires: Rioplatense, 1976.